

BOLETIM DA

Biblioteconomia

ANO 12 . 2019 . NÚMERO 76 . WWW.CFB.ORG.BR

Publicação do Conselho Federal de Biblioteconomia/Conselhos Regionais de Biblioteconomia - CFB/CRB

#SOMOSTODOSBIBLIOTECAESCOLAR

Edição especial CBBB 2019

Desigualdade e democracia

Qual é o papel da biblioteca?



Sistema CFB / CRB
Conselho Federal de Biblioteconomia
Conselhos Regionais de Biblioteconomia

BOLETIM DO SISTEMA CFB/CRB
Nº 76 – ANO 12 – 18ª GESTÃO (2018/2020)

DIRETORIA

Presidente: Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda – CRB-7/4166
Vice-Presidente: Dalgiza Andrade Oliveria – CRB-6/1577
Diretor Administrativo: Leonardo de Oliveira Cavalcante – CRB-15/662
Diretora Técnica: Eliane Lourdes da Silva Moro – CRB-10/881
Diretora Financeira: Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque – CRB-15/001

COMISSÕES PERMANENTES

CBEBP – Comissão de Bibliotecas Escolares e Públicas – Eliane Lourdes da Silva Moro – CRB-10/881 (Coordenadora), Elizabeth Helena Braga Moreira – CRB-14/102, Maria Marta Sienna – CRB-9/759.

CDV – Comissão de Divulgação e Valorização Profissional – Alessandra Atti – CRB-8/6568 (Coordenadora), Dalgiza Andrade Oliveria – CRB-6/1577, Antonio Afonso Pereira Junior – CRB-6/2637.

CENF – Comissão de Ensino e Formação Profissional – Maria das Mercês Apóstolo – CRB-8/5660 (Coordenadora) – Maria da Glória Serra Pinto de Alencar – CRB-13/267 – Eliane Lourdes da Silva Moro – CRB-10/881

CEP – Comissão de Ética Profissional – Telma Socorro Silva Sobrinho – CRB-2/668 (Coordenadora), Cristian José Oliveira Santos Brayner – CRB-1/1812, Maria das Mercês Apóstolo – CRB-8/5660.

CFI – Comissão de Fiscalização – Regina Lúcia Freitas Holanda – CRB-3/808 (Coordenadora), Patrícia Verônica Nascimento Dias Fernandes – CRB-5/1353, Alessandra Atti – CRB-8/6568.

CLI – Comissão de Licitação – Maria das Mercês Apóstolo – CRB-8/5660 (Coordenadora), Ailton Moreira da Rocha (Pregoeiro), Tatiana de Paula Martins de Souza (Autoridade Competente).

CLN – Comissão de Legislação e Normas – Cristian José Oliveira Santos Brayner – CRB-1/1812 (Coordenador), Antonio Afonso Pereira Junior – CRB-6/2637, Elizabeth Helena Braga Moreira – CRB-14/102

CTC – Comissão de Tomada de Contas – Maria Marta Sienna – CRB-9/759 (Coordenadora), Telma Socorro Silva Sobrinho – CRB-2/668, Patrícia Verônica Nascimento Dias Fernandes – CRB-5/1353.

COMISSÕES TEMPORÁRIAS

Comissão Temporária de Acessibilidade – Cristian José Oliveira Santos Brayner – CRB-1/1812 (Coordenador), Eliane Lourdes da Silva Moro – CRB-10/881, Telma Socorro Silva Sobrinho – CRB-2/668, Maria da Glória Serra Pinto de Alencar – CRB-13/267.

Comissão Temporária de Gestão por Indicadores e Relatório para o TCU – Leonardo de Oliveira Cavalcante – CRB-15/662 (Coordenador), Maria Marta Sienna – CRB-9/579, Regina Lucia Freitas Holanda – CRB-3/808

FUNCIONÁRIOS

Roberto Barros Cardoso – Gerente Executivo
Leonardo Pimentel Bueno – Assessor Jurídico
Ailton Moreira da Rocha – Auxiliar Administrativo
Tatiana de Paula Martins de Sousa – Assistente Administrativa

BOLETIM DA BIBLIOTECONOMIA

Edição: Carlos Guilherme Ferreira / Padrinho Agência de Conteúdo LTDA - ME. Fotos: Deposit Photos.

CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA – CFB

SRTVN Ed. Brasília Rádio Center, salas 1079/2079,
CEP 70.719-900, Brasília-DF.
Telefones: (61) 3328-2896 / (61) 3328-2080
Fax (61)3328-2894.
www.cfb.org.br e cfb@cfb.org.br



PALAVRA DO PRESIDENTE

Em Editorial, Marcos Luiz Cavalcanti de Miranda (CRB-7/4166) fala sobre desigualdade e democracia

Atualmente a sociedade brasileira tem enfrentado tempos de adversidades intelectuais, emocionais, econômicas, sociais e éticas.

Temos enfrentado verdadeiros dilemas que nos remetem a reflexões que reverberam na nossa consciência profissional e nos mobilizam ao planejamento, execução, desenvolvimento e redimensionamento de nossas carreiras.

O que estamos fazendo pela Biblioteconomia brasileira e o que poderíamos ter feito?

Como temos realizado nossas práticas profissionais, acadêmicas e sociais durante o processo de nossa formação enquanto sujeitos de nossa profissão? Em que medida nossas práticas e atuação têm contribuído para a formação do cidadão e a construção de uma sociedade mais justa, plural e democrática? Até que ponto de nossas vidas conseguimos fazer intervenções na sociedade de maneira a dirimir as desigualdades?

Nos deixa sensível a observação dos possíveis caminhos a escolher, a diversidade de formação, as opções do mercado de trabalho e, sobretudo, o que nós estamos fazendo na e para a sociedade.

Em cada uma das suas dimensões, a Biblioteconomia tem nos oferecido verdadeiros laboratórios de vivência e sobrevivência que, aliada à nossa criatividade, tem potencializado e fortalecido nossa prática profissional fundamentada em sólidos conhecimentos teórico-metodológicos na

busca de possíveis soluções para a resolução dos problemas que afligem a sociedade brasileira.

A responsabilidade social da Biblioteconomia exercida por nós, bibliotecários, reside no fato de garantirmos a promoção da leitura, a democratização e o acesso ao conhecimento registrado produzido pela humanidade nos diversos ambientes de formação e de informação a todo e qualquer tipo de pessoa independente de sexo, gênero, raça, faixa etária, classe social, profissão, religião, nação, língua e cultura.

O pleno exercício de nossa profissão nos permite o respeito ao próximo, a empatia, a alteridade, a pluralidade de pensamento, a diversidade e a dignidade da pessoa humana. Somos responsáveis pela preservação dos registros do conhecimento humano para que sejam transmitidos de geração para geração e de sociedade para sociedade.

Toda e qualquer pessoa deve ter o direito à informação, sem censura, para que se desenvolva como ser humano e tenha a devida competência para saber qual informação confiável é necessária para a sua vida, para o seu desenvolvimento intelectual, social, econômico e cultural. Desta maneira, acreditamos que estamos contribuindo para o desenvolvimento das pessoas e diminuindo as desigualdades em nome da democracia, provocando algumas mudanças em nossa consciência social e política.

Boa leitura!

A importância da biblioteca pública e seu papel na sociedade

As bibliotecas públicas cumprem importante papel na sociedade, pois são agentes transformadores que conseguem atuar em locais onde a leitura, a informação e a cultura não chegam facilmente.

A Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais, ao longo de 65 anos de existência, desenvolve serviços e atividades que atendem demandas bastante significativas e de grande alcance social. Sua estrutura atual abriga 10 setores e/ou serviços de atendimento ao público, contabilizando aí os serviços de extensão, além de atendimento indireto por meio do empréstimo de exposições literárias itinerantes às bibliotecas públicas municipais realizadas pelo Sistema Estadual de Bibliotecas. Todos os serviços e ações culturais são gratuitos e primam pela qualidade.

A acessibilidade e inclusão são temas já incorporados em nossas rotinas, especialmente após 2014, quando a Biblioteca foi contemplada pelo Edital de Acessibilidade pela Fundação Biblioteca Nacional / Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas. A seguir descreveremos alguns serviços e ações inclusivas.

SERVIÇO DE INTERNET

Aberto a todos gratuitamente. Voltado a idosos e pessoas em situação de rua que buscam informação, inclusão digital e entretenimento no local. Atende em média 654 pessoas por mês e tem um número significativo inscritos maiores de 60 anos. Funciona diariamente e está localizado no setor de Referência e Estudos da Biblioteca.

CARRO-BIBLIOTECA

Criado em 1960, o Carro-Biblioteca possui com maior premissa a democratização do acesso à leitura para comunidades em condições socialmente vulneráveis que não possuem bibliotecas ou equipamentos culturais. Por meio de sua atuação são desenvolvidas ações de incentivo e mediação de leitura junto a cinco bairros de Belo Horizonte, atendidos semanalmente no período da manhã. Conta com um acervo de aproximadamente de 25 mil livros, dentre literatura brasileira, estrangeira e infantojuvenil além de revistas adultas e infantis.

SETOR BRAILLE

Oferece às pessoas com deficiência visual (cegos e baixa visão) o acesso irrestrito à cultura e à informação. Mensalmente, atende a cerca de mil pessoas. É um público muito heterogêneo, que abrange classes sociais variadas, múltiplas faixas etárias, diversificados gêneros, tendo demandas individuais bem distintas. O Setor possui um acervo diversificado composto por obras literárias de autores brasileiros e estrangeiros nos mais variados formatos (cerca de 2 mil títulos em braille, 1,8 mil audiolivros e 60 filmes com audiodescrição), abrangendo as diversas áreas do conhecimento. Também promove atividades de incentivo à leitura, como o Café com Poesia (narração e leitura).

CAIXA-ESTANTE

Criado em 1969, possibilita o convívio com os livros fora da Biblioteca, por meio do atendimento a instituições públicas e não governamentais de Belo Horizonte e região metropolitana. Hoje, a Caixa-Estante está presente em 15 instituições, tais como creches, penitenciárias, centros socioeducativos, casa de semiliberdade, Lar dos Meninos e APAE. Possui um acervo de aproximadamente 8 mil títulos.

**ALESSANDRA GINO
E GILDETE SANTOS**





Bibliotecas prisionais têm papel na reinserção social

No Brasil, a inserção da biblioteca no cárcere está amparada na Lei de Execução Penal (LEP) 7.210 de 1984. A LEP tem por objetivo humanizar o sistema por meio da consolidação de medidas socioeducativas e ressocializadoras que viabilizem a inserção dos apenados na sociedade.

No que tange à melhoria de vida dos apenados no cárcere, na questão educacional, a LEP estabelece em seus Artigos 17, 18 e 18A o direito à assistência educacional e profissional do preso e do internado. Com relação à biblioteca no cárcere, o Artigo 21 prevê que todo estabelecimento prisional deve ser munido de uma biblioteca com livros didáticos, recreativos e instrutivos. É importante ressaltar que a preocupação com a leitura no cárcere brasileiro é algo já discutido noutras épocas, sendo inclusive citado no Decreto n. 8386 de 1882, e suas prerrogativas constantes na "Seção 4 – Biblioteca e leitura" a qual mencionava a existência de uma biblioteca composta por livros de leitura edificante e amena para uso dos presos conforme o grau de inteligência e disposição moral.

A biblioteca prisional está amparada também em dispositivos internacionais como Federação Internacional de Associações e Instituições Bi-

bliotecárias (IFLA), a qual recomenda que as bibliotecas prisionais devam congregar em torno de si os mesmos princípios das bibliotecas públicas, possibilitando aos reclusos auxílios aos programas educacionais, acesso à cultura e ao lazer. Ao ser encarcerado, o sujeito não deve abdicar do seu direito de aprender. Deste modo, as bibliotecas são necessárias nos ambientes prisionais.

É preocupante observar o fato de que a inserção de bibliotecas no cárcere, sobretudo como um direito amparado por lei específica está distante de cumprir seus preceitos. Segundo o Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (INFOPEN), apenas 32% dos estabelecimentos prisionais dispõem de uma biblioteca. Regra geral, estas bibliotecas são ambientes com estrutura precária para atender seu público, seja por falta de espaço, acervo deficitário e, especialmente, por não contar com um bibliotecário para mediar a informação e colaborar nas questões educacionais, bem como no auxílio aos professores no tocante ao ensino e aprendizagem dos reclusos. Na maioria das vezes, as bibliotecas ficam sob a responsabilidade de professores ou de presos com bom comportamento. Ressalta-se que atividades ligadas à leitura têm como premissa trazer uma oportunidade de reflexão aos presos.

No entanto, alguns aparatos legais como trabalho, educação e leitura são garantidos para remição de pena. No caso da leitura, a Recomendação 44 de 26 de novembro de 2013 estabelece que para cada livro lido e resenhado, o preso terá quatro dias de redução em sua pena, sendo autorizada pela Justiça a quantidade máxima de 48 dias de remição. Ainda segundo a Recomendação, o preso terá entre 22 a 30 dias para ler um livro. A resenha, por sua vez, passa pelo crivo de uma comissão composta por uma junta de especialistas, dentre eles professores e servidores do sistema penal. Mesmo diante das prerrogativas acima mencionadas e garantidas por Lei, é necessário refletir que, para além da inserção de bibliotecas no cárcere, deve-se pensar na estrutura que estes espaços oferecerão para que não se transformem em depósitos de livros, suprimindo sua real intencionalidade.

Em suma: para além de contabilizar os livros lidos e resenhados como forma de remir pena, é importante atentar-se para a importância da leitura crítica das obras resenhadas, do efeito que a leitura pode causar na construção da identidade social do preso, do auxílio em seu processo de reinserção social e, por conseguinte, minimizar as chances de o preso tornar-se reincidente no crime.

ANDREZA GONÇALVES

Bibliotecas prisionais



Bibliotecas e seu papel nas questões

Étnico-raciais Gênero Sexualidade

Questões
Étnico-raciais,
de gênero e
sexualidade

Em um cenário onde a informação predomina, por mais paradoxal que pareça, ainda existem indivíduos, grupos e comunidades que se ressentem da ausência de informação para promover ações em defesa de seus direitos, interesses e agregar mais conhecimento. Muitos desses pertencem às chamadas “minorias”, grupos minimizados historicamente e que se encontram às margens da sociedade devido aos seus aspectos e pertencimentos étnicos, raciais, de gênero e de orientação sexual.

Diante desse panorama, fazemos o seguinte questionamento: qual papel das bibliotecas e dos profissionais de biblioteconomia nas questões étnico-raciais, de gênero e sexualidade?

Temos como exemplo de “minorias” a comunidade formada por lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, queer, intersexuais, assexuais e outras identidades de gênero e sexualidade, representadas pela sigla LGBTQIA+. As pessoas que fazem parte dessa comunidade são vítimas de várias fobias e se encontram às margens do exercício pleno da cidadania. Acreditamos que a biblioteca como instrumento de transformação social pode ajudar as pessoas desta comunidade a vencer as barreiras da sociedade. Uma das ações essenciais para que isso aconteça é a promoção da biblioteca como um espaço seguro e inclusivo. Para isto, é necessária a inclusão das temáticas no acervo e a capacitação de profissionais da biblioteca. Além disso, profissionais de Biblioteconomia podem elaborar e implementar projetos e ações socioculturais para promover a equidade de oportunidades e empoderamento social de pessoas LGBTQIA+.

Também destacamos a importância de promover ações voltadas para a desconstrução e combate às fake news. É preciso reforçar que ainda é presente no imaginário de grande parte da população que a população LGBTQIA+ utiliza uma ideologia de gênero objetivando uma oposição à heterossexualidade e à família tradicional brasileira. Estes tipos de posicionamentos merecem cada vez mais serem desconstruídos.

ORDEM E

Com relação às questões étnico-raciais, lembramos que a população negra (parda e negra) corresponde a 54% da população brasileira. No entanto, ainda não é visibilizada ou representada nos espaços da sociedade, em especial, na biblioteca. Neste sentido, por que abordar questões étnico-raciais e inserir aspectos das populações negras nas ações, produtos e serviços das bibliotecas?

Primeiro, porque a biblioteca deve ser um dos espaços de promoção do conhecimento sobre e para a população negra brasileira. É por intermédio de suas ações, produtos e serviços que dentro desta unidade será evidenciada a colaboração histórica de tais povos, apresentada as culturas africanas e afro-brasileiras que compõem nossa sociedade, além de permitir o acesso à informação por parte dessas populações para enfrentamento do racismo e preconceito. No que concerne ao papel da bibliotecária e do bibliotecário, cumpre a este profissional atender à fortificação identitária dos negros e negras dentro das bibliotecas, além de representar, preservar e disseminar suas histórias, memórias, sociabilidades e culturas. Pensar um acervo, por exemplo, que seja multicultural e com a perspectiva descolonialista também é papel deste profissional que precisa estar atento às demandas informacionais.

Com a perspectiva de que estamos inseridos em uma sociedade com características racista, machista e homofóbica e que as diferenças étnicas, econômicas, sociais, de gêneros e sexualidades são motivos para excluir o outro ao invés de incluí-lo na sociedade, faz-se urgente refletimos também sobre formação acadêmica voltada para o respeito à diversidade étnico-racial, sexual, de gênero e cultural, à valorização de populações historicamente preteridas no Brasil. É urgente que as bibliotecas pensem mais em quem servem e o porquê de fazer tal ação ou executar tal processo. Transformar o Brasil em um país mais inclusivo e respeitoso da diversidade é um compromisso de todos nós, em especial, daquele profissional que é o mediador da informação.

FRANCIÉLE GARCÊS,
NATHÁLIA ROMEIRO
E BRUNO ALMEIDA

Biblioteca pública: estudo de caso em Porto Alegre

Este estudo foi realizado para verificar como os serviços oferecidos pela biblioteca pública auxiliam os moradores em situação de rua e vulnerabilidade social, influenciando na qualidade de vida e na sua inclusão social. Segundo o Manifesto da IFLA/UNESCO sobre Bibliotecas Públicas, os serviços da biblioteca devem ser oferecidos com base na igualdade de acesso para todos, sem distinção. São vistas pelos utilizadores como abrigos, lugares seguros que ajudam a combater o isolamento e se apresentam como ambientes libertos de tensões.

O estudo adotou como metodologia os procedimentos de caráter exploratório, tendo como modalidade o estudo de caso e como instrumentos de coleta de dados a entrevista semiestruturada e análise documental. O contexto do estudo teve como cenário quatro bibliotecas públicas e participaram cinco sujeitos, moradores de rua, todos do sexo masculino, com idades entre 31 a 42 anos, sendo que três deles moram nas ruas há três anos, um há 18 anos e outro há 15 anos.

Na coleta de dados verificou-se que as bibliotecas públicas não prestam um atendimento diferenciado para os usuários em situação de rua e vulnerabilidade social. Justificativas: não têm pessoas preparadas para esse acompanhamento, contam com regras que devem ser seguidas e não são flexíveis para esta situação, apesar de tentativas.

Mesmo assim, foi possível constatar que a frequência de moradores de rua à biblioteca pública acontece, havendo situações na qual um dos sujeitos estudou na biblioteca e foi aprovado no vestibular na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e outro que escrevia poesias e lia sobre os poetas, frequentando diariamente a biblioteca pública. Dos seis sujeitos participantes do estudo, todos frequentavam a biblioteca, somente um deles nunca, pois desconhecia que poderia entrar. As leituras preferidas são jornais, revistas, livros, HQ. Foram unânimes em expressar que a biblioteca foi muito importante para conhecer novos mundos, buscar informação, notícias. Dois deles afirmaram: “Tudo a gente quer saber, tem coisas que a gente não sabe. Sem informação a gente não vai a lugar nenhum, então sempre quando eu quero saber de algum assunto, de alguma novidade que eu não sei, na biblioteca tem” e “ Para saber o

que tá acontecendo e oportunidade de trabalho”.

Como resultados apontados, destaca-se que a biblioteca tem um papel social fundamental na vida dessas pessoas. Muitos deles, ao se apropriarem da informação e até mesmo do ambiente da biblioteca, conseguem visivelmente melhorar a sua postura e sua maneira de falar, sentem-se mais motivados a se identificar como um cidadão comum refazendo seus documentos e até procurando locais como albergues e abrigos que os proporcione cuidar da higiene. Em resposta dos próprios moradores em situação de rua e vulnerabilidade social que fazem uso dos serviços da biblioteca, todos disseram ter tido uma melhor qualidade de vida ao frequentarem a biblioteca, afirmando que “[...] a informação é tudo, muito necessária”.

É importante que a biblioteca pública qua-

lifique seus profissionais para atuar com uma abordagem humanitária, interessada e integrativa, diretamente com a população em situação de rua e vulnerabilidade social e tendo como fator principal proporcionar a esse sujeito a oportunidade de se inserir na sociedade.

O PAPEL DO BIBLIOTECÁRIO

Ficou evidente que os bibliotecários precisam acompanhar o ritmo da sociedade e as relações ocorridas para assimilar as necessidades da sua comunidade e fora dela. Além de sua capacitação para mediar a informação, o bibliotecário pode disseminar de diversas formas o conhecimento, promovendo projetos de acessibilidade e inclusão social para todas as classes, mas especificamente para a população carente e de rua. Conclui-se com um resultado satisfatório, pois a investigação com suas análises comprovou que a biblioteca é um ambiente frequentado pela população de rua e que sim, ela tem condições de possibilitar a esse usuário melhores condições de vida através da informação.

**ELIANE LOURDES DA SILVA MORO
DEUZENISE MARIA DA SILVA**



Trato pedagógico sobre acessibilidade e inclusão



Refletir a respeito do trato pedagógico do currículo do curso de Biblioteconomia sobre acessibilidade e inclusão de usuários com deficiência perpassa pela reflexão dos objetivos do ensino superior e do necessário diálogo entre as esferas social, profissional e governamental. Assim, este estudo se faz necessário por conta das políticas de inclusão, implementadas no período de 2003-2015, que favoreceram a transformação das universidades e bibliotecas brasileiras em espaços acessíveis e inclusivos. Políticas que permitiram as pessoas com deficiência ter acesso ao ensino superior e contribuíram para que áreas como Direito, Engenharia, Biblioteconomia, dentre outras, pudessem incluí-las.

Em decorrência, existem demandas sociais crescentes de matrículas de estudantes com deficiência nas instituições de ensino superior correspondendo a um crescimento de 27.143 ingressos em 2012 para 37.927 ingressos em 2015, com maior incidência de matrículas na Região Sudeste, com 12.928 (correspondendo a 34,1%), seguido pela Região Nordeste com 11.751 (correspondendo a 31%) dos registros, especificamente no Maranhão tem-se o registro de 580 matrículas (INEP, 2016). Destacando que no curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), a cada semestre são matriculados, geralmente, dois estudantes apresentando algum tipo de deficiência.

Acessibilidade e inclusão

Em 2019, ao completar 50 anos, o curso está em processo de sua quinta reforma curricular, denominado de currículo quarenta, levando em consideração o movimento orgânico da sociedade. Assim, este estudo trata de uma pesquisa exploratória de natureza analítica descritiva que objetiva analisar a situação do currículo pedagógico vigente (quarta versão - currículo trinta) do curso de Biblioteconomia da UFMA como forma de construir um mapeamento situacional da qualificação dos egressos dessa área quanto ao uso e domínio de saberes sobre o processo de inclusão e acessibilidade, por meio da identificação das disciplinas encontradas no currículo pesquisado, verificando se suas ementas atendem ao novo perfil do bibliotecário exigido pela sociedade inclusiva.

Ressalta-se que este estudo contribuirá para que o curso possa melhor estruturar e fortalecer o novo currículo. Além de servir de suporte para o desenvolvimento de uma proposta para uma disciplina específica que enfoque acessibilidade e inclusão para compor o currículo quarenta do curso. Assim, os dados foram coletados por meio da pesquisa bibliográfica, a consulta à matriz curricular do curso de Biblioteconomia da UFMA (quarta versão - currículo trinta), e por fim, de um questionário aplicado a 20 estudantes matriculados no 8º e 9º períodos, semestre 2019/1.

Quanto à análise dos títulos e ementas das disciplinas para verificar se contemplam ou não

acessibilidade e inclusão, os resultados apontam que o currículo vigente (currículo trinta) é formado por 47 disciplinas, sendo uma em caráter obrigatório, com 60 horas, e apenas uma optativa, com 30 horas que tratam diretamente, e mais 12 em caráter obrigatório com 60 horas cada e uma como optativa com 30 horas que abordam indiretamente sobre acessibilidade e inclusão. Já os estudantes evidenciam um conjunto lacunar de ações, cabendo destacar: ausência de enfoque teórico das disciplinas quanto a temática em estudo; ausência de corpo docente capacitados para: tratar diretamente com estudantes com deficiência, visto que alguns estudantes abandonaram o curso por falta de apoio docente em relação a deficiência apresentada; como a ausência de leitura orofacial (leitura labial de surdos oralizados); e tradutor de LIBRAS. Além da falta de projetos direcionados para desenvolver pesquisa, ações e atividades direcionadas para acessibilidade e inclusão e da necessidade de uma disciplina obrigatória específica para a temática em estudo.

Este estudo conclui que existe uma legislação que ampara e orienta a inclusão e acessibilidade no currículo de Biblioteconomia; no entanto, faltam atitudes mais proativas desenvolvidas pelo curso para combater preconceito e estereótipos acerca da pessoa com deficiência; falta de disciplinas que favoreçam que estudantes executem a criação de produtos/serviços para este grupo.

ISABEL CRISTINA DOS SANTOS DINIZ



Biblioteca universitária e acessibilidade aos deficientes

Como bibliotecária da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), constatei que no processo de interiorização e democratização do ensino superior a demanda de estudantes na condição de deficiência era crescente. No entanto, o planejamento adequado a fim de receber esse público estava longe do esperado. Tal realidade reflete a maneira a qual a sociedade tem encarado as pessoas com deficiência. Ao nos debruçarmos na história percebemos que a regra era excluir os considerados diferentes e as pessoas com deficiência eram referidas como vítimas de uma tragédia pessoal e cada uma vivenciava de forma particular as conseqüências de uma história de discriminação e preconceito.

A fim de contribuir para a descontinuidade desta prática perversa e ao mesmo tempo conhecer melhor as necessidades desse público estudei a temática da inclusão da pessoa com deficiência visual em âmbito de mestrado na Universidade Federal da Bahia (UFBA) e assim foi possível conhecer quais as condições de inclusão e acessibilidade ofertadas nas bibliotecas da UFRB. Nesse estudo, evidenciou-se que na conjuntura atual o papel da biblioteca universitária ultrapassa apoiar o ensino, a pesquisa e a extensão da universidade à qual está ligada como tradicionalmente a

definimos. Trata-se, portanto, de um espaço acadêmico em que se propicia o desenvolvimento do espírito científico, a aprendizagem e o conhecimento, os quais são estimulados quando ocorre a mediação entre a informação e o usuário.

Discutimos na pesquisa sobre as novas frentes de atuação do bibliotecário, e uma delas é mediar informação para pessoas com deficiência visual, que inclui cegos e pessoas com baixa visão. A informação é percebida como decisiva, tendo em vista ser por meio dela que se forma o conhecimento, que por sua vez promove desenvolvimento. Considera-se que o papel tradicional de guardião do acervo bibliográfico aos poucos foi cedendo lugar ao de um profissional engajado, com novas competências, tomando-se evidente que sua função não se restringe apenas à custódia e entrega do livro. Nesse cenário, assinala-se a necessidade de o profissional adotar uma postura inclusiva, tomando indispensável à busca de novos conhecimentos, habilidades e competências que incluem o uso de recursos de tecnologia assistiva.

A expressão tecnologia assistiva, apesar de relativamente nova, refere-se a recursos utilizados desde sempre, incluem desde uma colher adaptada até sofisticados pro-

gramas de computador. O avanço da tecnologia permitiu que tais recursos ganhassem maior funcionalidade, qualidade e, portanto, tornou-se uma ferramenta valiosa no que se refere à pessoa com deficiência visual. No ambiente da biblioteca, a utilização desses recursos contribuem sobremaneira para assegurar a informação às pessoas com deficiência. No momento em que propicia equidade de oportunidades, combate a discriminação e torna-se essencial para o cotidiano das bibliotecas, no sentido de favorecer a formação do estudante. Podem ser ofertados recursos para utilização do computador, muitos desses são gratuitos, e podem ser leitores de tela, que realizam a leitura dos elementos exibidos na tela, os ampliadores de tela, que ampliam sem prejuízo de leitura o texto e os tradutores Braille que traduz o texto para a linguagem braille.

Espera-se que a pesquisa intensifique as discussões acerca da inclusão nas bibliotecas e que essas não representem uma barreira na formação. Reconhecemos que os desafios para atuar na perspectiva inclusiva são reais, no entanto, não é mais possível adiar o enfrentamento de tais questões, por se constituir prioridade, envolve uma reparação histórica.

FABIANA CERQUEIRA



Hora da contação de histórias: recursos auxiliares criativos

A importância da leitura é de extrema valorização em nossas vidas. São diversos os benefícios que podemos destacar, como: ampliar e integrar conhecimentos, enriquecer nosso vocabulário, facilitar a comunicação e nos fazer refletir sobre nossos atos. O mesmo acontece quando ouvimos uma história, que tem um papel fundamental na formação da criança. Além de ser um fator de desenvolvimento da linguagem e conseqüentemente para despertá-la para a leitura. A contação de histórias é arte.

Para Busatto (2006, p.74), a intenção de inserir história no contexto escolar é de propiciar cultura, conhecimento, princípios, valores, educação, ética, além de contribuir

para uma boa construção de relacionamentos afetivos saudáveis, como: carinho, afeto, bons-tratos, cuidados pessoais, reeducação alimentar, autoestima. O presente trabalho trata-se de uma pesquisa bibliográfica realizada com o intuito de contribuir e difundir recursos auxiliares utilizados na contação de histórias, servindo como estratégia de estímulo e incentivo a leitura.

Conforme Paulo Freire, a leitura do mundo precede a leitura da palavra. E a leitura desta implica sempre a continuidade da primeira. O prazer de ler é antecipado pelo prazer da escrita e da observação e evolui para uma atitude de curiosidade leitora diante da vida.

ANA CLEIDE PATRÍCIO DE SOUZA



BUSQUE UM ESPAÇO ACONCHEGANTE

A contação de histórias, além de ser uma atividade divertida que movimentaria qualquer biblioteca, é sempre um momento de atração e mantém a tradição da cultura perpetuando as histórias por várias gerações. Podemos dizer que a contação de histórias é um ritual de encantamento entre os ouvintes e aquele que contará a história. A história narrada, por escrito ou oralmente, nos permite também aquisições em diversos níveis. Isto é: contar histórias para as crianças permite conquistas, no mínimo, nos planos psicológico, pedagógico, histórico, social, cultural e estético. (SISTO, p.01).

Busque um lugar aconchegante antes de contar a história, fique posicionada onde todos possam visualizá-la e motive-os para despertar a curiosidade, conheça a história, é primordial planejamento, verificando a quantidade de crianças, o tempo disponível, por vezes a contação é realizada no pátio, auditório ou jardim da escola, debaixo da árvore, na biblioteca.

O espaço físico é importante, se for possível com alguma decoração, aromas, criando uma atmosfera para que a criança se identifique e crie uma memória afetiva. Antes de começar qualquer história converse, fale quem é você de forma espontânea para que as crianças conheçam o bibliotecário, aproveite o momento para falar sobre o livro e a importância de todos cuidarem dele. Envolve-os. Faça uma introdução rápida do enredo e fale sobre a opção de contar aquela história especificamente. Antecipe possíveis dúvidas. Informe que é importante o grupo se manter em silêncio. As perguntas devem ser respondidas somente no término da atividade (REVISTA NOVA ESCOLA, 2012).

Apresente o livro, citando o nome do autor e do ilustrador. Cuide da postura corporal para que os movimentos enriqueçam a contação. Fique atento à impostação de voz, respeitando o desenrolar da trama e as características dos personagens. (REVISTA NOVA ESCOLA, 2012). Mostre alegria e entusiasmo, deixe seu corpo falar. A duração da história deve estar de acordo com a faixa etária do público: menores (5 e 10 minutos) e maiores (15 a 20 minutos).

A contribuição das bibliotecas para uma sociedade inclusiva

A sociedade que garante os seus espaços a todas as pessoas, que fortalece as atitudes de aceitação das diferenças individuais, que valoriza a diversidade humana e ressalta a importância do permanecer, da convivência e da cooperação é uma sociedade inclusiva (SASSAKI, 1997). Partindo dessa afirmativa reflete-se que essa sociedade tende a influenciar na função, nos serviços, produtos e na gestão das bibliotecas para atuar frente os desafios de uma biblioteca escolar, comunitária, especializada, pública ou universitária acessível. Portanto, entende-se que o profissional bibliotecário precisa pensar sobre a prática profissional e verificar as possibilidades de mudanças e melhorias em seus ambientes para disponibilizar bibliotecas para todos e contribuir para uma sociedade inclusiva.

Entende-se que conceber bibliotecas para todos requer que os aspectos da diversidade, inclusão e acessibilidade sejam contemplados na sua gestão que envolverá os recursos humanos, tecnologias assistivas, desenvolvimento do acervo, serviço de referência, disseminação da informação, etc. Compreende-se que tal medida poderia permitir a redução das desigualdades sofridas pelos usuários em seus espaços físico e virtual.

Uma biblioteca acessível permite a presença de todos, ela encontra-se preparada para acolher a maior variedade de pessoas possível para as suas atividades, disponibiliza instalações adequadas de acordo com as diferentes necessidades de seus usuários e de acordo com as diferenças físicas, antropométricas e sensoriais da população. Essa biblioteca também incorpora no seu dia a dia considerações sobre as especificidades e necessidades de seus diferentes públicos que podem ser formados por estudantes, pesquisadores, idosos, crianças, com e sem deficiência (FERRES, 2008; FORTALECIMENTO, 2016).

O Brasil possui uma legislação que garante o direito das pessoas com deficiência, com o destaque para a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (O Estatuto da Pessoa com Deficiência), que é “destinada a assegurar e a pro-



mover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania” (BRASIL, 2015, p. 8).

No ensino superior, o número de matrículas na graduação de discentes com deficiência vem crescendo, e ainda de acordo com as informações do Censo da Educação Superior 2017 as universidades brasileiras possuem discentes matriculados com Altas habilidades/superdotação, Autismo, Baixa visão, Cegueira, Deficiência auditiva, Deficiência física, Deficiência intelectual, Deficiência múltipla, Síndrome de Asperger, Síndrome de Rett, Surdez, Surdocegueira e Transtorno (INSTITUTO, 2016, online). Entende-se que este cenário sinaliza para que se avalie a biblioteca universitária (BU) que atualmente está disponível ao universitários. Vale destacar que mudanças vêm ocorren-

do nos espaços das universidades para acolher e dar condições para os discentes realizarem o seu percurso acadêmico e concluírem os estudos.

Destaca-se a importância dos estudos de usuários que possibilitam conhecer o usuário da biblioteca, seja o usuário real ou em potencial e que permitirá atender as suas demandas e oferecer o acesso equitativo à informação diante as especificidades de cada pessoa e preferência por suportes informacionais. Proporcionar equipe capacitada

no contexto da deficiência e inclusão para um melhor atendimento aos usuários, criar espaços acessíveis ao seguir orientações de normas técnicas e subsídios legais que possibilitará reduzir e/ou eliminar as barreiras na dimensão atitudinal – sem preconceito e discriminação –, dimensão arquitetônica – atenção aos espaços entre as estantes que permita o giro da cadeira de rodas, altura do balcão de atendimento para pessoa com baixa estatura ou em cadeira de rodas –, a dimensão comunicacional – comunicação em LIBRAS, escrita Braille e textos com letra ampliada –, dimensão instrumental – disponibilizar equipamentos para ampliação de textos, impressora Braille, Scanner-, dimensão metodológica - não existem barreiras no métodos e técnicas de estudos, de trabalho de educação –, dimensão programática - sem barreiras

invisíveis em políticas públicas, normas, regulamentos –, a acessibilidade informacional- obras em formato digital, conteúdo de sites acessível, acervo acessível- e acessibilidade ao mobiliário e equipamentos - mesas localizadas em rotas acessíveis, terminais de consulta acessíveis (SASSAKI, 1997; NICOLETTI, 2010).

Sobre o desenvolvimento de coleções em bibliotecas diante da diversidade de seus usuários poderia disponibilizar acervos acessíveis como nos formatos de Audiolivro, Livro audiovisual bilíngue Português – LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), Livro com fonte ampliada, Livro de leitura fácil, Livro digital Daisy, Livro digital em texto, Livros em Braille e Livros em tinta e em Braille (FORTALECIMENTO, 2016).

No ambiente virtual destaca-se o recurso de audiodescrição que é direcionado as pessoas com deficiência visual mas que beneficia também idosos e pessoas com outros tipos de deficiência ao traduzir imagens em palavras com o uso de hashtags como #pracegover ou #pratodosverem acompanhado da descrição de imagens contidas em seus posts tomando os conteúdos online das bibliotecas mais acessível. Por fim, ter empatia, valorizar as diferenças e ter conhecimento sobre a terminologia correta sobre a deficiência.

MICHELLE KARINA ASSUNÇÃO COSTA

Importância da biblioteca

Sobre as autoras e o autor

Alessandra Soraya Gino Lima é Bibliotecária formada pela Universidade Federal de Minas Gerais. Atualmente é diretora da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa / MG.

Ana Cleide Patrício de Souza é Bibliotecária formada pela UFPB, Especialista em Museografia e Patrimônio Cultural.

Andreza Gonçalves Barbosa é Doutoranda em Ciência da Informação PPGCI-UFMG (2018). Mestre em Ciência da Informação pelo PPGCI-UFMG (2017). Bacharel em Biblioteconomia pela Escola de Ciência da Informação -UFMG (2015).

Bruno Almeida Doutorando em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Bahia. Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Bahia (2018). Possui graduação em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade Federal da Bahia (2014).

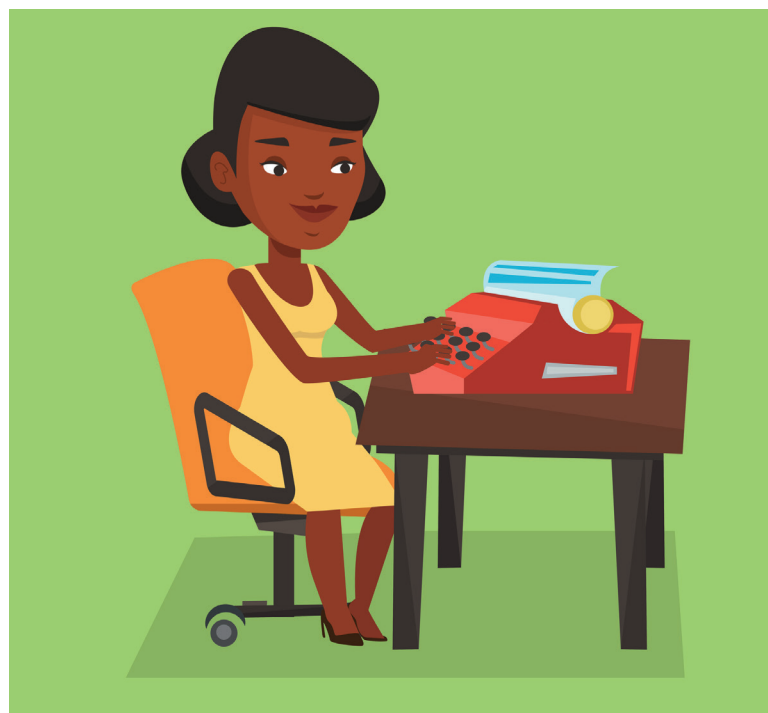
Deuzenise Maria da Silva é graduada em Biblioteconomia pela UFRGS (2017).

Eliane Lourdes da Silva Moro possui graduação em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1987), graduação em Letras pela Universidade de Passo Fundo (1974), mestrado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2007) e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2011). Atualmente é professora-adjunta da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Fabiana de Jesus Cerqueira é Mestre em Ciência da Informação pela UFBA (2019), especialista em Metodologia do Ensino Superior pelas Faculdades Olga Mettig (2011) e graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal da Bahia (2008). Participa do Grupo de Estudos sobre Cultura, Representação e Informação Digitais (CRIDI,UFBA). Atualmente é Bibliotecária da UFRB em Cruz das Almas.

Franciéle Carneiro Garcês da Silva é Doutoranda em Ciência da Informação no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais. Mestre em Ciência da Informação pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) convênio com a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É Bacharel em Biblioteconomia - Habilitação em Gestão da Informação (2013 - 2016) pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).

Gildete Aparecida de Souza Santos é Bibliotecária formada pela Universidade Federal de Minas Gerais.



Atualmente é diretora de Extensão e Ação Regionalizada da Biblioteca Pública Estadual de Minas Gerais / MG.

Isabel Cristina dos Santos Diniz é Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA (1997), mestra em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB (2000) e doutora em Multimídia em Educação na Universidade de Aveiro (2019), Portugal. Professora Assistente do Departamento de Biblioteconomia da UFMA.

Michelle Karina Assunção Costa é Doutoranda no Programa de Pós-Graduação Gestão e Organização do Conhecimento da Escola de Ciência da Informação na UFMG. Mestre em Ciência da Informação na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), especialista em Gestão de Pessoas na FATEC-BH (2012) e Administração de Sistemas de Informação pela Universidade Federal de Lavras - UFLA (2005), graduada em Biblioteconomia com ênfase em Gestão da Informação pela UFMG (2002). É Bibliotecária Documentalista na UFOP.

Nathália Lima Romeiro é licenciada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Mestre em Ciência da Informação no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do IBICT/ECO-UFRJ. Doutoranda em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFMG.



Programação do CBBBD 2019

O Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação ocorre em Vitória (ES), entre 1º e 4/10. Veja possíveis alterações da programação em www.cbbd2019.com

TERÇA, 1º/10

Horário: 9h às 18h
Local: Centro Eventos

Eventos ParalelosX Seminário Brasileiro de Bibliotecas das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica

I Fórum de Bibliotecas Universitárias: Comunicação Científica no contexto da Ciência Aberta

Apresentação de trabalhos livres
Oficinas

Solenidade de Abertura

Horário: 19h30
Local: a confirmar

Visitas técnicas

Estão previstos cinco roteiros. Confira detalhes no site do CBBBD 2019.

SEXTA, 4/10

Horário: 9h às 10h30
Conferência 4:
Pessoas em situação de rua

Horário: 10h30 às 12h:30
Mesa redonda: "Os 70 anos da declaração dos Direitos Humanos"

Horário: 14h às 18h
Apresentação de trabalhos livres, pôsteres interativos e eventos paralelos

Horário: 14 às 16h
Mesa Redonda:
Políticas públicas em bibliotecas

Horário: 18h às 19h
Cerimônia de Encerramento

QUARTA, 2/10

Horário: 9h às 10h30
Conferência 1: Bibliotecas e centros comunitários como espaços para promover a democracia, combater a desinformação e desigualdade.

Horário: 10h30
Abertura oficial da Feira e Exposição de Produtos e Serviços
Abertura dos Eventos Paralelos

Horário: 14h às 18h
Apresentação de trabalhos livres, pôsteres interativos e eventos paralelos

Horário: 14h às 16h
Mesa Redonda 1: Acesso aberto e Plano S: contribuições na redução da desigualdade social

Horário: 16h às 17h30
Conferência 2: Cultura do Privilégio

Horário 18 às 19h
Conversando Sobre Regulamentação e Implementação do Tratado de Marraqueche

Conversando sobre Campanhas pelas Bibliotecas. Em que convergem? Como poderiam avançar?

Conversando Sobre: Mediação da leitura literária.



Sistema CFB / CRB
Conselho Federal de Biblioteconomia
Conselhos Regionais de Biblioteconomia

QUINTA, 3/10

Horário: 9h às 10h30
Conferência 3: Para restaurar a sociedade, comece pelas Bibliotecas

Horário: 10h30 às 12h30
Mesa Redonda 2: Fake News e pós verdade

Horário: 14h às 18h
Apresentação de trabalhos livres, pôsteres interativos e eventos paralelos

Horário: 14h às 16h30
Mesa Redonda 3: Bibliotecas e a redução das desigualdades: o que tem sido feito para a população negra? Como avançar?

Horário: 18h às 19h
Conversando sobre Passei no vestibular em Biblio e agora? A biblioteconomia é uma profissão de vocação?

Conversando Sobre o trabalho multidisciplinar em bibliotecas. Qual é a contribuição da Biblioteconomia e Ciência da Informação? Quais são ou deveriam ser as áreas estratégicas para compor as equipes? Que trabalhos estão sendo conduzidos nesta linha?

Conversando Sobre a Biblioterapia, bibliotecas e bibliotecários.

Conversando sobre o que avançamos na inclusão de pessoas com deficiência?

Conversando sobre "Bibliotecários, fake news & ética profissional: tudo junto e misturado"